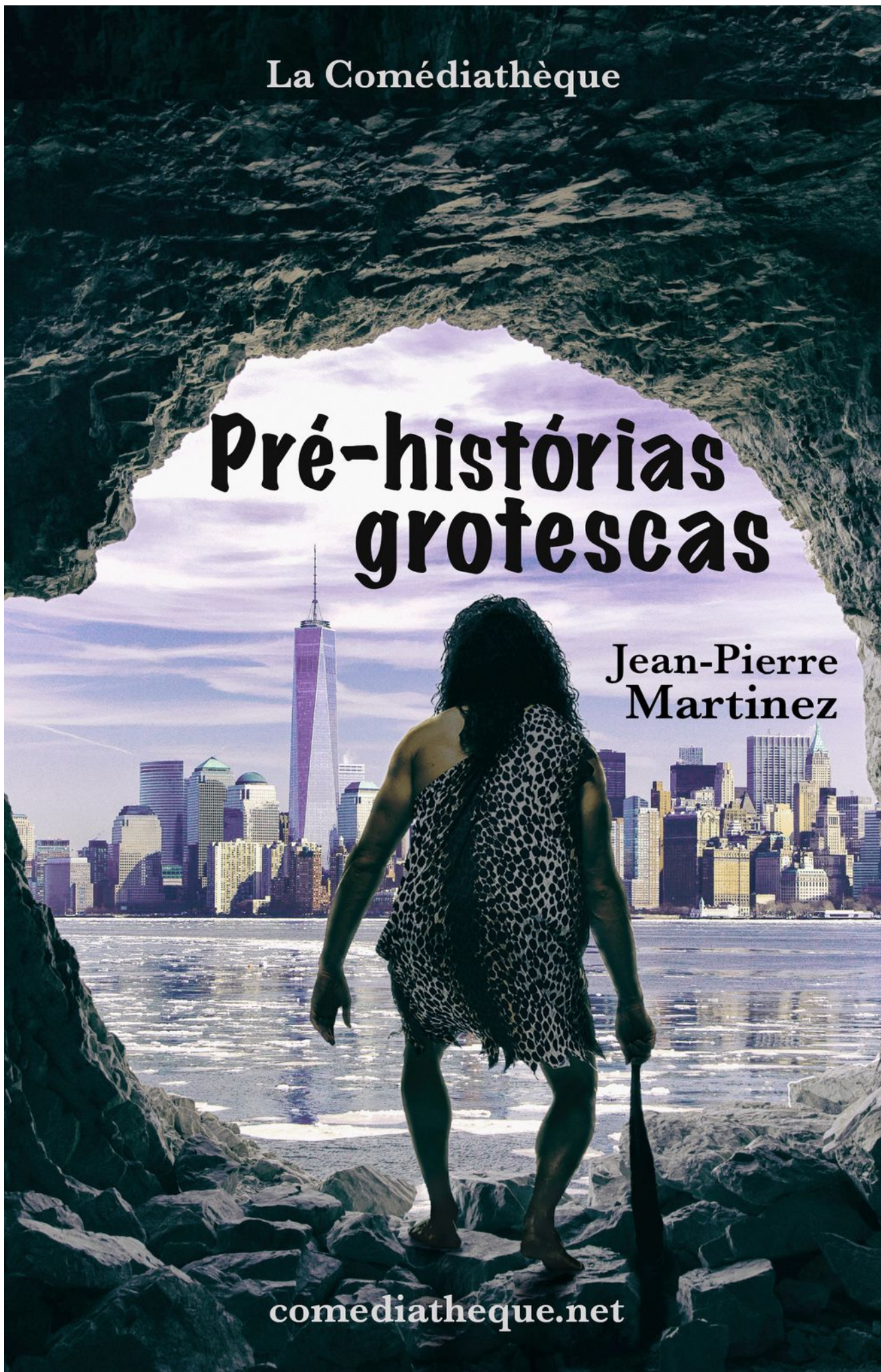


La Comédiathèque

Pré-histórias grotescas

Jean-Pierre
Martinez

comediathèque.net



**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Pré-histórias Grotescas

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Em uma possível pré-história que talvez esteja por vir, Sapionces e Neandertais convivem em harmonia. Mas duas espécies humanas, não é porventura demais?

Personagens:

Ken: o chefe

Rac: o guerreiro

Aki: o caçador

Zora: a artista

Mika: a cozinheira

Kea: a inventora

Eduardo: o Neandertal

Beatriz: a Neandertal

ATO 1

Kea, vestida com pele de animal, está a fazer buracos num objeto difícil de distinguir com a ajuda de uma sílex. Mika chega, vestida da mesma maneira, parecendo congelada. Ela traz um feixe de lenha.

Kea – Não parece estar calor lá fora.

Mika – Pergunto-me se estamos a caminhar para outra era glacial.

Kea – Felizmente, o teu homem acabou de te dar um novo casaco de pele.

Mika – Vou fazer um pouco de fogo, isso vai nos aquecer.

Kea assente com a cabeça.

Kea – Aqui, trouxe alguns sílex.

Mika – De qualquer forma, tenho que começar a cozinhar...

Kea – O que estás a preparar para o almoço?

Mika – Aki foi caçar. Não sei o que ele nos vai trazer...

Kea – Espero que não seja um mamute. Começo a ficar farta disso, não sentes o mesmo?

Mika – O problema com o mamute é que, quando matas um, tens carne para comer durante um mês, manhã, tarde e noite...

Kea – Deveriam fazê-los mais pequenos, seria mais prático.

Mika olha para ela um pouco desconcertada.

Mika – E tu, o que estás a fazer?

Kea mostra o crânio em que está a trabalhar.

Kea – É o crânio da Yaya. Vou fazer buracos nele, para que possamos usá-lo como coador...

Mika – Está bem... *(Pausa)* Mas quem é a Yaya?

Kea – A mãe do Papá! Antes de ser atingida por um rebanho de uros logo depois de sair da caverna.

Mika – Ah, sim, é verdade... Não me lembrava disso de todo...

Kea – Desta forma, lembrar-nos-emos da Yaya cada vez que usarmos o coador...

Mika – És muito sentimental, Kea...

Kea – E com os dentes dela, fiz um colar! Já o viste?

Mika – É muito bonito!

Kea sorri.

Kea – E quando o Papá morrer, também o comeremos?

Mika – Por que não o comeríamos?

Kea – Não sei... Incomoda-me um pouco comer os mortos. Especialmente quando são da família...

Mika – É a tradição.

Kea – Tens razão... Assim, continuam a fazer parte de nós.

Mika – Exatamente.

Kea – Quando alguém morre, fazemos uma boa refeição evocando a memória do falecido enquanto mastigamos...

Mika – E nesse dia, pelo menos, não temos que nos preocupar com o que vamos comer...

Kea – Segundo a Zora, também é uma forma de apropriarmos da alma dos nossos entes queridos falecidos...

Mika – Sim, admito que não acredito muito nisso...

Kea – Na verdade, a pensar bem, questiono-me se já não o comemos, o Papá...

Mika – Ah, sim?

Kea – Há um ou dois anos, acho...

Ken, o chefe do clã, chega vestido como os outros, mas com uma decoração adicional, como uma espécie de adorno que indica a sua função.

Ken – Já tenho fome. O que vamos comer?

Mika – Aki ainda não regressou da caça, Grande Chefe...

Ken – A caça tem ficado cada vez mais escassa ultimamente...

Mika – No entanto, a Zora prometeu-nos que, com as suas pinturas nas profundezas da caverna, os mamutes voltariam...

Kea – E que traria sorte aos nossos caçadores...

Mika – Pobre Aki... Espero que não lhe tenha acontecido nada...

Kea – Tu, que dizias que eu era sentimental...

Mika – O quê?

Kea – Também te preocupas com o teu homem quando demora a voltar da caça... É verdade que ele é muito atraente. Até diria apetitoso...

Mika – Não fales de desgraças, Kea, preferia que ele não fosse o nosso almoço...

Ken – Pelo menos teríamos algo para mastigar...

Mika – Bem, não tenho muito tempo, eu...

Mika baixa-se para apanhar o feixe de lenha, e o olhar de Ken fixa-se no seu traseiro. Ele coloca a mão nas nádegas de Mika.

Ken (*com um olhar cúmplice*) – Vou ajudar-te a acender o fogo, Mika, isso vai manter-me ocupado enquanto isso...

Mika – Mas, Grande Chefe... E o Aki?

Ken – O Aki está a caçar! E já conheces o ditado...

Mika – Não.

Ken – Quem vai à caça, perde o seu lugar!

Mika – Não conhecia esse ditado...

Ken – É normal, acabei de inventá-lo... Até os ditados têm que ser inventados algum dia!

Mika – Bem... Até depois, Kea...

Kea – É isso mesmo, vai avivar a chama...

Ken e Mika saem. Zora chega, com a mesma aparência que os outros, mas com um estilo zombie, adornada com muitos amuletos.

Kea (*sobressaltada*) – Assustaste-me, Zora! Então, como vão os trabalhos de pintura?

Zora – Estou quase a terminar. Vão ver, será grandioso!

Kea – O que representa?

Zora – Neste momento, estou na minha fase animal. Estou a pintar cenas de caça.

Kea – Devias ir caçar em vez de sujar as paredes da caverna! A pintura não alimenta ninguém...

Zora – Nunca vão compreender a arte rupestre... Estou a trabalhar para a posteridade!

Kea – Posteridade... Ainda bem que nunca vamos a essa parte da caverna. Imagina se recebemos visitas?

Zora – Mas nunca recebemos ninguém! Esse é o problema. E quando convidamos alguém para jantar, geralmente, ele é o prato principal...

Kea – Sim, não falta razão.

Zora – E se organizássemos uma exposição? Poderíamos convidar os vizinhos...

Kea – Uma exposição?

Zora – Uma pequena receção! Para mostrar as minhas obras...

Kea – Isso... E por que não vendê-las também...

Zora – Podiam valorizar-se.

Kea – E para as levar, os clientes teriam que levar uma parede inteira da caverna! A nossa caverna!

Zora – Tens razão, questiono-me se não deveria mudar o suporte...

Kea – Podias pintar em crânios! Pelo menos, não sujavas as paredes...

Zora – Ah sim, é uma ideia... Podia chamá-las "naturezas mortas"... Temos algum crânio sobrando?

Kea – Havia um da avó, mas transformei-o num coador...

Aki, o caçador, chega arrastando um corpo pelos pés.

Kea – O que é isso? Que horror!

Aki – Vamos chamar a isto um acidente de caça...

Zora e Kéa inclinam-se sobre o corpo.

Zora – Oh sim, definitivamente... Podia recuperar o crânio...

Kea – Não é alguém do nosso grupo.

Zora – É um Neandertal... O Chefe não vai ficar contente...

Kea – Como é que fizeste isto?

Aki – Confundi-a com um grande símio...

Zora – É verdade que há uma semelhança familiar, mas pronto...

Kea – O que tens na mão?

Aki – É uma cesta de cogumelos...

Ken volta, ajeitando um pouco a roupa, seguido de perto por Mika, um pouco desgrenhada.

Ken – O que se passa?

Aki fica perplexo com o aspeto desalinhado de Ken e Mika.

Aki – Eu poderia fazer a mesma pergunta a vocês...

Ken – Sim, mas eu perguntei primeiro.

Zora – Há um problema, Grande Chefe...

Kea – Ele confundiu um Neandertal com um símio...

Rac chega. Tem um aspeto guerreiro e traz um machado à cintura.

Rac – Não são os Neandertais símios?

Zora – Não exatamente...

Ken (*inclinando-se sobre o cadáver*) – Oh não, maldição, Aki, não fizeste isto?

Aki – Bem, de longe... Nem sempre é evidente.

Ken – Como se já não tivéssemos problemas suficientes neste momento.

Rac – Tens razão, Aki, temos que enfrentar esses macacos.

Ken – Eles podem ser macacos, mas não vão ficar contentes por termos matado um deles. É humano...

Rac – Mas eles não são humanos!

Ken – Não confio nesses Neandertais...

Rac – Ataquemos primeiro! Eles são um bando de degenerados de qualquer maneira!

Ken agarra-o pelo pelo e olha-o com raiva.

Ken – Podes calar a boca, sim? Não consigo concentrar-me.

Rac – Desculpa, Chefe...

Ken – Até agora conseguimos viver em paz com eles. Não vamos pôr tudo em causa por um simples acidente de caça...

Aki – Resumindo, é apenas um homicídio involuntário, certo?

Zora – E se propusermos uma solução amigável a eles?

Ken – Uma solução?

Rac – Com esses macacos...

Ken – Bem, enquanto isso, vamos comer... Estou com uma fome voraz, não consigo pensar...

Mika – É que com tudo isto, não preparei nada para comer... O que fazemos?

Todos olham para o corpo do Neandertal.

Mika – Se quiserem, posso grelhá-lo, para variar...

Kea – E além disso, fica pronto rapidamente.

Ken – Neste ponto...

Rac – Para mim, bem suculento. Porque da última vez estava completamente queimado...

Kea – No ponto certo, por favor.

Zora – Podem guardar-me o crânio e as escápulas quando terminarmos de comer? É para fazer quadros portáteis.

Cena escura.

ATO 2

Ken, Rac, Aki, Mika, Kea e Zora terminam o seu churrasco improvisado. Apenas restam ossos. Os comensais limpam a boca ruidosamente com a manga.

Kea – Não está tão mal, o Neandertal...

Aki – É um pouco como frango, não é?

Zora – Sim, parece peru...

Mika – O segredo está na cozedura. Com um pouco de gordura de mamute, a carne fica muito tenra.

Rac – Caso contrário, pode ficar um pouco seca, é verdade...

Aki – E combina muito bem com cogumelos.

Zora – Sim, nunca pensamos nos cogumelos.

Ken – Espero que este churrasco não nos pese no estômago...

Um momento.

Kea – É verdade que teoricamente não devemos comer os nossos vizinhos.

Rac – Bem, então, o que fazemos com esses macacos, Chefe? Atacamos?

Ken – Não tenho a certeza... Esses Neandertais são um pouco degenerados, é verdade, mas também são muito astutos...

Rac – Astutos como macacos...

Aki – Então, o que propões, Grande Chefe?

Ken – Proponho que convoquemos o conselho do clã.

Um momento de hesitação.

Kea – Ao mesmo tempo, já estamos todos aqui, Grande Chefe.

Ken – Todos? Mas onde estão os outros?

Kea – Os outros?

Ken – Éramos mais antes, não?

Mika – Comemos os outros, Chefe...

Outra hesitação.

Ken – Bem... Então declaro aberta a reunião do conselho... Zora, consultaste as entranhas deste Neandertal. Até as comeste. O que os Deuses nos aconselham?

Zora – Os Deuses aconselham-nos a evitar qualquer conflito com os vizinhos, Grande Chefe. E a organizar uma grande exposição de reconciliação...

Rac – Que tolice! Comemos um deles! Para evitar conflitos com os vizinhos, estamos em apuros...

Kea – É verdade que é um assunto sério, Chefe...

Mika – Não estamos a falar de acordar os vizinhos num domingo de manhã a cortar a relva, ou algo do género...

Ken – Então, o que fazemos?

Zora – Poderíamos dar-lhes algo como compensação.

Rac – Por que não uma indemnização?

Zora – Uma obra-prima, por exemplo...

Aki – Melhor algo para comer.

Ken – Apesar de ser verdade que eles se parecem muito com macacos, duvido que se satisfaçam com dois ou três bananas. Afinal, houve uma morte humana...

Rac – Mas eles não são humanos!

Ken olha-o com raiva novamente e fica em silêncio.

Zora – Não, seria necessário um gesto muito mais significativo...

Ken – Um cacho de bananas?

Zora – Receio que isso não seja suficiente para aplacar a sua raiva, Grande Chefe...

Ken – Uma bananeira então?

Kea – Ainda há bananeiras por aqui?

Aki – Não desde a última glaciação.

Rac – E no entanto, ainda há macacos...

Um momento em que refletem.

Ken – Já agora, era fêmea ou macho?

Rac – Era fêmea.

Mika – Já suspeitava, a carne delas é sempre mais tenra.

Ken – Poderíamos dar-lhes uma das nossas mulheres em troca?

Mika – Uma mulher?

Aki – Já que comemos uma fêmea.

Rac – Já não temos muitas mulheres...

Aki – Mal dá uma por pessoa.

Rac – E isso contando com a Zora.

Zora – Os Neandertais são canibais?

Aki – Não fazemos parte da mesma espécie! Se eles comerem uma das nossas mulheres, não é verdadeiramente canibalismo...

Mika – Bem, não vamos brincar com as palavras...

Ken – Se lhes dermos uma das nossas mulheres, eles não estão obrigados a comê-la.

Rac – Farão o que quiserem com ela.

Mika – Uau...

Aki – Qual dariam?

Rac – Kea?

Aki – Ah, não! Ela é a única que cozinha mais ou menos bem!

Zora – Mika?

Ken – Ah, não! Ela é a única que acende bem o... (*Aki olha-o severamente.*) A única que sabe acender o fogo.

Um momento.

Mika – E que tal darmos um dos nossos homens em vez disso?

Ken – Um homem?

Kea – Comemos uma mulher. Isso não significa que não possamos dar um homem em troca, pelo contrário.

Aki – Por que pelo contrário?

Mika – Parece que pensam que um homem vale mais do que uma mulher...

Rac – E daí?

Kea – Assim, eles saem a ganhar. Isso deve acalmá-los...

Zora – E no final, seja homem ou mulher, continua a ser carne.

Ken – É verdade que se lhes dermos um homem, haverá mais mulheres para os que ficarem...

Zora – Isso é muito masculino, como ponto de vista...

Ken – Bem... Algum voluntário?

Silêncio.

Ken – Aki?

Mika – Ele é o único que sabe caçar decentemente!

Rac – Estás a falar a sério! Confundi um macaco com um Neandertal! Afinal de contas, isto tudo é culpa dele. Seria apenas justiça...

Ken – Embora fiquemos sem nada para comer...

Zora – Rac?

Ken – Caso as coisas fiquem feias com os Neandertais, ainda precisaríamos da sua força dissuasória...

Mika – Além disso, é o único que sabe mais ou menos como fazer amor... Quero dizer... fazer a guerra.

Zora – Bem, quais opções nos restam?

Os olhares se voltam para o chefe.

Ken – Lembro a todos que sou o chefe do clã.

Rac – Já sabemos...

Ken – Desculpe?

Rac – Não, não, nada mesmo, Grande Chefe...

Nesse momento, uma voz feminina alta e com uma entonação de alta sociedade é ouvida do lado de fora.

Beatriz – Há alguém nesta caverna? Os Sapionces estão aqui?

Todos os membros do clã ficam imóveis.

Ken – Estamos esperando alguém para o jantar?

Kea – Não...

Aki – Deve ser eles...

Zora – Quem são eles?

Mika – Os Neandertais!

Rac – Droga...

Ken se levanta, um pouco envergonhado, para receber sua convidada.

Ken – Sim, sim, estamos aqui! Entre, por favor, está aberto...

Beatriz chega, vestida em um estilo futurista.

Beatriz – Olá, olá! Como estão vocês, os Sapionces? Espero não estar a interromper, pelo menos?

Kea – Desculpe pela bagunça... Não tivemos tempo de fazer a limpeza... Se soubéssemos que íamos receber visita...

Beatriz – Sou eu quem peço desculpas por interrompê-los em plena refeição familiar de domingo...

Ken – Por favor, sente-se... Não somos selvagens, afinal de contas...

Beatriz hesita um momento sobre onde se sentar e depois ocupa o lugar.

Mika – Já comeram?

Kea lança-lhe um olhar de reprovação.

Beatriz – Estávamos prestes a fazer um piquenique, mas não quero incomodá-los...

Kea – Lamentamos muito por este trágico incidente, estimada senhora...

Beatriz – Então já sabem o motivo da minha visita?

Ken – E estamos totalmente dispostos a encontrar um compromisso que satisfaça ambas as partes...

Beatriz – É muito amável da sua parte, mas...

Ken – Estamos dispostos a cumprir todas as suas exigências para preservar as boas relações que têm existido até agora entre as nossas duas espécies...

Aki – Se for necessário, até nos arreponderemos.

Ken – Estamos ouvindo, os seus desejos serão ordens...

Beatriz está muito impressionada com esta preocupação.

Beatriz – Bem... Obrigada pela sua cooperação, mesmo. Estou muito comovida... Então, estava a passear pelo bosque com o meu marido. Estávamos a procurar um local tranquilo para...

Kea – Para fazer um piquenique, não é?

Beatriz – Sim... Enfim, tinha enviado a minha sogra à procura de cogumelos enquanto preparávamos a mesa... E desde então, não sabemos de todo onde ela desapareceu.

Silêncio entre os Sapionces.

Ken – Acredite, estimada senhora, que estamos muito preocupados por saber disso.

Aki – Embora, claro, não tenhamos nenhuma responsabilidade neste inquietante desaparecimento.

Zora – Como poderíamos ajudá-la?

Beatriz – Alguém de vocês a viu, por acaso?

Ken – Como era a sua sogra?

Beatriz – Bem... uma sogra normal.

Ken – Alguém aqui viu a sogra da senhora?

Os outros fingem não saber de nada.

Beatriz – Talvez ela tenha caído num buraco...

Aki – É verdade que há muitos por aqui...

Beatriz – A menos que tenha sido devorada por animais selvagens...

Kea – Infelizmente, também é uma possibilidade.

Zora – Ou talvez tenha ingerido acidentalmente alguns cogumelos alucinógenos e esteja agora correndo descontrolada pela floresta, meio nua, gritando que o fim do mundo está próximo.

Beatriz – Sério? Eu realmente ficaria curiosa para ver isso...

Rac – Cogumelos são muito delicados quando não se está familiarizado com eles.

Beatriz – De qualquer forma, cheira muito bem aqui...

Mika – Sim, fizemos um churrasco. E também alguns cogumelos.

Aki – Mas esses são comestíveis.

Beatriz – Têm razão... Uma vida simples... Comida saudável... Às vezes, realmente me pergunto o que é tão positivo que a civilização nos trouxe, nós, os Nandertais... (*O telefone dela toca e ela atende.*) Eduardo? Não, estou na caverna com os Sapióncos... Vou desligar porque o sinal aqui dentro é muito fraco... Quer juntar-se a nós? Certo, até logo... (*Ela desliga o telefone.*) Desculpem... A primeira coisa que eu descartaria se voltasse a ser uma besta, como vocês, seria o meu telemóvel...

Ken – Tem a certeza de que não quer...

Beatriz – É muito gentil da sua parte, não consigo resistir... Permitem-me?

Kea – Claro...

Beatriz pega um pedaço de carne e prova.

Beatriz – Absolutamente delicioso! Sente-se um pequeno sabor a caça. O que é?

Aki – Peru...

Beatriz – Ah, entendi... Não sabia que se dedicavam à criação. Pensava que ainda eram caçadores-coletores...

Kea – É peru selvagem.

Aki – Poderias limpar a mesa, Mika...?

Mika recolhe os ossos espalhados e leva-os para trás do palco. Nesse momento, outra voz, masculina desta vez, é ouvida.

Eduardo – Beatriz, você está por aqui?

Beatriz – Sim, querido, estou aqui com os Sapióncos!

Eduardo chega vestido no mesmo estilo que sua esposa.

Eduardo – Ah, estava começando a me perguntar se você também tinha desaparecido... Senhoras e senhores, bom apetite!

Beatriz lhe entrega um pedaço de carne assada.

Beatriz – Eles fizeram um churrasco... Está absolutamente divino... Aqui, prove...

Eduardo dá uma mordida.

Eduardo – Ah sim, está... Está delicioso... Mas é um pouco forte... É carne passada?

Beatriz – Em contrapartida, não há sinal da sua mãe...

Eduardo – No final, a encontraremos... (*Olhando condescendentemente para a decoração*) É realmente adorável aqui. Muito pitoresco, não é, Beatriz?

Beatriz – Sim, é típico... Nunca pensaram em abrir uma pensão? Tenho certeza de que seria um sucesso.

Eduardo – Passar o fim de semana em uma caverna. Poderia ser muito divertido.

Beatriz – E lhes permitiria ganhar algum dinheiro para ter acesso ao conforto moderno. Poderiam comprar uma televisão!

Eduardo – Mas você sabe, querida, nossos amigos os Sapionces são um pouco avessos ao progresso...

Beatriz – É verdade que o progresso nem sempre é bom. Às vezes também gostaria de viver meio nua como vocês. Comer carne crua no fundo de uma caverna insalubre e ter relações sexuais em família...

Eduardo – Desculpe, deve ser o ar fresco...

Mika – Talvez deveríamos ir para a sala...

Zora – E se eu lhes mostrar minhas pinturas rupestres?

Eduardo – Vocês pintam nas paredes?

Beatriz – Mas isso é realmente fascinante!

Eduardo – E muito na moda.

Rac (*sussurrando para Ken*) – E se também os comêssemos? Ainda estou com um pouco de fome...

Ken (*sussurrando do outro lado*) – Não podemos simplesmente comer todos aqueles com quem temos um pequeno desentendimento de vizinhos...

Zora – Sigam o guia...

Kea – Está no final da caverna...

Eles saem.

Cena escura.

ATO 3

Os Sapionces e os Neandertais voltam.

Beatriz – Não, é realmente bonito... Muito... Muito colorido, não é, Eduardo?

Eduardo – Sim, é muito... É arte primitiva, não é?

Beatriz – Claro, é arte primitiva. O que mais poderia ser?

Eduardo – É muito cavernícola, de qualquer forma.

Zora – Vocês realmente gostam?

Beatriz – Ah, vocês deveriam expor, tenho certeza.

Eduardo – Ou abrir uma galeria, seria mais prático. Como as pinturas estão nas rochas...

Ken – Nós, de qualquer forma, não nos ajudaram muito na caça.

Aki – Não, sob esse ponto de vista, não podemos dizer que...

Beatriz – Teríamos levado um ou dois para nossa sala de estar, mas não pensamos em trazer um martelo pneumático conosco...

Eduardo – Raramente pensamos em levar um martelo pneumático quando vamos fazer um piquenique na floresta, é uma pena...

Zora – Ah, mas eu também pinto em crânios, se quiserem. Ou omoplatas.

Beatriz – Sério?

Eduardo – Aliás, isso me faz pensar que ainda não encontramos minha mãe...

Beatriz – Ah, sim, é verdade, quase a esqueci...

Eduardo – Você acha que ela pode ter se perdido tentando encontrar cogumelos em uma dessas cavernas?

Beatriz – Claro, quando você não conhece... É imenso, não é?

Eduardo – E na escuridão também.

Beatriz – Sempre devemos equipar nossa sogra com um dispositivo de localização por GPS...

Eduardo – Todas essas galerias serpenteiam infinitamente...

Beatriz – É longo como um tubo digestivo...

Eduardo – Bem, os primitivos, não é que fiquemos entediados...

Beatriz – Sim, não queremos incomodá-los por mais tempo...

Eduardo (*virando-se para os Sapionces*) – E se ainda assim trouxermos um deles para casa?

Beatriz – Eles são frescos, Eduardo. Eles são feitos diretamente nas paredes da caverna!

Eduardo – Eu estava falando em trazer um Sapionce! Nós o assariamos tranquilamente esta noite na churrasqueira do jardim. Precisamos admitir, Beatriz, que realmente não somos feitos para piqueniques na floresta...

Beatriz – Você realmente acha isso? A churrasqueira sempre solta um pouco de fumaça, você sabe. Sem mencionar os cheiros. Não quero problemas com os vizinhos...

Os Sapionces se olham horrorizados.

Mika – Vocês também são canibais?

Kea – Achávamos que eram pessoas civilizadas...

Aki – O que não é necessariamente um elogio vindo de nossa boca.

Beatriz – Oh, por favor! Não somos da mesma espécie...

Eduardo – Então, não podemos realmente falar de antropofagia.

Rac – É o que tenho tentado explicar a eles.

Eduardo – Para nós, vocês são apenas carne, afinal.

Kea – Alguma vez ouviram carne falar?

Zora – Ou pintar belos frescos nas paredes?

Eduardo – Não vamos cair em sentimentalismo também.

Beatriz – Vamos, não se comportem como crianças, sejam razoáveis.

Eduardo saca uma arma futurista, como um laser, apontando para os Sapionces.

Eduardo – Qual escolhemos, querida?

Beatriz (*apontando para Mika*) – Essa parece estar bem recheada.

Eduardo – Até um pouco gordurosa... Se não quiser que saia muita fumaça para os vizinhos... (*Dirigindo-se aos homens*) E que tal um macho?

Beatriz – Ah, sim, por que não?

Mika – Eu disse a mesma coisa a eles antes...

Eduardo aponta sua arma para Aki.

Aki – Esperem, Neandertais, acho que há um problema...

Beatriz – Um problema?

Mika – Sua sogra... Ela nunca vai voltar com seus cogumelos...

Eduardo – Mamã?

Beatriz (*ao ver a cesta vazia*) – Meu Deus, é a cesta de vime da minha sogra!

Aki – Foi um acidente...

Mika – Um acidente de caça, para ser mais preciso.

Rac – Confundimos com um macaco.

Beatriz – É triste, mas tinha que acontecer um dia. Embora eu admita, Eduardo, que a sua mãe se parecia muito com um macaco...

Eduardo – Oh, meu Deus...

Beatriz – Uma vez, levamo-la ao zoológico e os tratadores nunca nos permitiram levá-la de volta. Tivemos que falar com o diretor! Você tem certeza de que ela realmente morreu?

Ken – Oh, absolutamente certos, garanto-vos.

Eduardo – Estes Sapionces realmente são uns animais... E nós estávamos quase a considerar assar um deles na espetada...

Beatriz – Eu gostava muito da minha sogra.

Eduardo – Estou completamente destroçado...

Beatriz – Podemos pelo menos recuperar o cadáver da defunta?

Kea – Para o vosso churrasco de hoje à noite?

Eduardo – Para fazer o nosso luto!

Beatriz – Não somos canibais, por favor! Já lho disse muitas vezes.

Ken – Claro...

Mika – No entanto, aí é onde surge um problema.

Rac – E mais de um...

Eduardo – O que acontece agora?

Mika – Não será fácil recuperar o corpo...

Beatriz – E por que não?

Rac – Nós comemos a velha.

Eduardo – Comeram a minha mãe?

Rac – Não havia muito para comer em volta do osso, mas pronto. Não estava mau.

Mika – E também a provaram.

Eduardo – Ah, percebo...

Beatriz – Eu sabia... Esta carne está um pouco dura...

Eduardo – Se pudesse evitar falar de carne em referência à minha mãe...

Beatriz – Desculpe, Eduardo...

Zora – Então, se nos comem, tal como nós comemos um dos vossos, estariam a comer um pouco da sua própria carne...

Kea – De facto, já começaram.

Beatriz – É muito delicado da vossa parte lembrarem-nos disso...

Ken – Não há dúvida, isso torná-los-ia em canibais. Como nós...

Kea – Sim... Agora somos um pouco da mesma espécie.

Aki – Por fusão absorção, por assim dizer...

Beatriz – Temos de admitir que é um raciocínio válido... Então, o que fazemos, Eduardo?

Eduardo – Vamos levar um de qualquer maneira... como lembrança.

Beatriz – Levar o quê, querido?

Eduardo – Um Sapionce.

Beatriz – Como lembrança de quê?

Eduardo – Como lembrança da minha mãe!

Beatriz – Claro!

Cena escura.

ATO 4

Cenário muda. Estamos no sótão dos Nandertais. Alguns quadros de inspiração pré-histórica pendem nas paredes. Eduardo e Beatriz estão sentados no sofá. Ken e Mika estão deitados aos seus pés, como animais de estimação. Uma pequena árvore de Natal está em um canto.

Beatriz – Foi uma ótima ideia trazer esses Sapionces para casa.

Eduardo – Agora que minha mãe se foi, eles nos fazem companhia...

Beatriz – Que Deus tenha a alma dela.

Eduardo – Eles dormem a maior parte do dia, mas bem...

Beatriz – Isso ainda é melhor do que sua mãe...

Eduardo olha carinhosamente para Mika e acaricia o cabelo dela.

Eduardo – Só falta eles falarem.

Beatriz – Mas eles falam, certo?

Eduardo – Ah sim, claro... Antes falavam... Mas estão falando cada vez menos, você notou?

Beatriz – Eles falam menos que sua mãe, com certeza.

Eduardo – Por que eles dormem o dia todo assim? Talvez estejam entediados...

Beatriz – É verdade que ter Sapionces em um apartamento não é o ideal, mas bem...

Eduardo – Ainda bem que pegamos um casal.

Beatriz – Você acha que eles podem se reproduzir em cativeiro?

Eduardo – Duvido.

Beatriz – E por que não?

Eduardo – Eu castrei o macho.

Beatriz – Ah, por isso, eu achava...

Eduardo – O que?

Beatriz – Nada...

Eduardo – E pensar que quase os comemos, lembra?

Beatriz – Sim, é bobo, mas nos apegamos...

Eduardo – Me pareceria estranho agora, eu acho, se tivéssemos um deles em nosso prato.

Beatriz – A propósito, que horas são?

Eduardo – Quase dez.

Beatriz – Meu Deus, já! É hora do nosso jantar de Natal então...

Eduardo – Ah sim... Senão chegaremos atrasados para a missa do Galo...

Beatriz bate palmas para acordar os Sapionces.

Beatriz – Vamos, vamos! Acordem, Sapionces. Hora da sopa!

Eduardo – Vamos comer sopa?

Beatriz – É só uma expressão, Eduardo... Com eles, tento usar palavras simples para que possam entender.

Ken e Mika se mexem e se levantam.

Eduardo – A vantagem, em comparação com os animais comuns, é que eles nos cozinham...

Beatriz – E, se me permite dizer, muito melhor do que sua mãe fazia.

Eduardo – Eles até fazem companhia à mesa... Bem, cada vez menos, mas mesmo assim...

Beatriz – Bem, os deixamos responsáveis por servir o jantar, Sapionces... Nós vamos nos arrumar um pouco para a Noite de Natal.

Eduardo e Beatriz saem. Os dois Sapionces começam a preparar a mesa e arrumar os pratos.

Ken – Não me lembro, o garfo vai à direita ou à esquerda?

Mika – Depende...

Ken – De quê?

Mika – Se a pessoa é destra ou canhota.

Ken coloca os talheres de uma certa maneira.

Mika – Eh, não... Acho que é o contrário. Ele é destro.

Ken move os talheres de lugar. Então, seu olhar cai sobre um dos quadros.

Ken – Você se lembra quando vivíamos com os outros na caverna?

Mika – Cada vez menos...

Ken – Você não sente falta às vezes?

Mika – Pelo menos aqui temos aquecimento. A geladeira está sempre cheia e a cozinha está completamente equipada.

Ken – Mas sinto falta do ar livre, às vezes...

Mika – E dos nossos grandes almoços em família... quando alguém morria.

Ken – O de um acidente de caça.

Mika – Pergunto-me o que lhes terá acontecido.

Ken – Já éramos poucos.

Mika – Não soubemos evoluir, esse é o nosso problema.

Ken – Ao mesmo tempo, olha para os Neandertais. Onde é que a evolução os levou?

Mika – O problema com a evolução é que no final, inevitavelmente conduz à decadência...

Ken – É verdade. Esses Neandertais estão completamente degenerados! Ontem, a fêmea até tentou saltar para cima de mim na casa de banho. Embora não sejamos da mesma espécie...

Mika – Podem ser degenerados e zoófilos, mas entretanto, somos nós que lhes servimos de animais de estimação...

Ken – Prefiro ainda o termo "animais de companhia", é menos degradante...

Mika – Se precisam de animais de companhia, é porque estão entediado até morrer.

Ken – Nós nunca nos aborrecíamos, lembra-se?

Mika – Sempre tínhamos algo para fazer...

Ken – Só tentar não morrer de fome nos mantinha ocupados a tempo inteiro.

Eduardo e Beatriz regressam, prontos para a celebração, com adereços de festa como serpentinas.

Beatriz – Tudo está pronto para a festa?

Mika – Podemos sentar-nos à mesa!

Eduardo – Tudo parece delicioso. O que é isto?

Ken – São cogumelos.

Beatriz – Ah, colocaram o garfo do lado errado outra vez.

Beatriz troca os talheres de lugar.

Eduardo – Pelo menos algo deve distingui-los da nossa espécie superior...

Sentam-se os quatro e começam a comer em silêncio por um momento. Os dois neandertais brincam um pouco com os seus acessórios de festa tentando ser alegres, enquanto os sapiens os observam com indiferença. Mas os neandertais aborrecem-se muito rapidamente.

Eduardo – Então, o que nos contam os sapiens para nos distrair um pouco?

Mika – Nada.

Beatriz – Como assim, nada?

Ken – Aborrecemo-nos tanto convosco.

Mika – Não temos nada para vos dizer.

Ken – Se isto continuar assim, perderemos por completo o uso da fala.

Beatriz – São engraçados, não são?

Eduardo – Muito engraçados.

Beatriz – É como se fossem nossos filhos...

Eduardo – Podíamos adotá-los.

A campainha da entrada toca.

Beatriz – Quem pode ser a esta hora?

Eduardo – A minha mãe?

Beatriz – A sua mãe está morta! Eles a comeram.

Eduardo – Amigos?

Beatriz – Também estão todos mortos!

Eduardo – É verdade...

Beatriz – Somos os últimos neandertais.

Eduardo – Pai Natal?

Beatriz – Sabe que o Pai Natal não existe.

Eduardo – Não devia dizer-lhes isso... Estou a tentar desesperadamente incutir-lhes alguns elementos de metafísica.

Beatriz – Vou ver...

Levanta-se e abre a porta.

Beatriz – Vocês! Que surpresa divina! São os sapiens, Eduardo, que vêm passar o Natal connosco!

Entra o resto dos sapiens: Aki, Rac, Kéa e Zora. Trazem presentes, como os Reis Magos.

Eduardo – O que fazem aqui?

Aki – Estávamos à procura de um galo e um peru para assar. Pensámos em aproveitar para desejar-lhes um Feliz Natal.

Beatriz – É muito amável da vossa parte, mas não era necessário para os presentes...

Eduardo – E nós que não planeámos nada para vocês... Sinceramente, é um pouco embaraçoso...

Beatriz – O que é isto?

Eduardo e Beatriz abrem os respetivos presentes.

Eduardo – Um machado de pedra talhada!

Beatriz – Um dinossauro de peluche!

Eduardo – Muito obrigado, mesmo!

Beatriz – Isso nos comove muito...

Eduardo – Isso me lembra aquela maravilhosa tarde que passamos com vocês naquela caverna. (*Para Zora*) Você ainda está pintando?

Zora – Querem vir passar o Natal conosco? Mostrarei minhas últimas obras!

Eduardo – É muito gentil da sua parte, mas...

Beatriz – Para nós, o retorno a um estado selvagem, vocês sabem... já é um pouco tarde...

Mika – Bem, então não os incomodaremos mais...

Eduardo – Podem levar esses dois se quiserem... De qualquer forma, eles não têm conversa...

Beatriz – Podem comê-los para o Ano Novo.

Aki – Então, Feliz Natal!

Eduardo – Adeus!

Os sapiens saem. Eduardo e Beatriz ficam sozinhos.

Eduardo – O que fazemos? Abrimos o gás para nos suicidar?

Beatriz – Melhor ligarmos a televisão.

Eduardo – Você está certa, é mais seguro...

Ele liga a televisão.

Beatriz – O que estão passando?

Eduardo – Um documentário sobre a extinção dos últimos telespectadores de televisão.

Eles se afundam lentamente no sofá. Ken retorna com Mika, seguidos pelos outros quatro sapiens.

Mika – Deve ter sido os cogumelos que não lhes fizeram bem.

Ken – Não vamos deixar toda essa comida?

Mika – Seria um desperdício...

Cena escura.

ATO 5

Uma combinação dos dois cenários anteriores. Uma caverna estilo presépio de Natal com uma árvore em um canto e uma televisão no outro. Os sapiens estão comendo.

Ken – Bravo, Mika, realmente delicioso.

Kea – Sim, a cozedura está perfeita. Na verdade, vou me servir de novo, por sinal...

Rac – Aproveitem, porque são os últimos... A espécie acabou de se extinguir...

Aki – Sim, agora somos a espécie superior.

Zora – De que exatamente os neandertais morreram?

Mika – Morreram de tédio... assistindo televisão.

Ken – Se não conseguirmos nos livrar completamente da teoria da evolução, pelo menos devemos ter cuidado com este aparelho diabólico.

Rac – Podem contar conosco, Chefe. Faremos o impossível para continuar vegetando como fizemos até agora.

Kea – De qualquer forma, que alegria estarmos todos juntos para celebrar o Natal em família. Como nos velhos tempos...

Choros de bebê são ouvidos.

Mika – A este vamos tentar não comê-lo... Se quisermos ter uma chance de perpetuar a espécie.

Ken – Esse bebê não se parece em nada comigo... Você tem certeza de que é meu, Mika?

Mika – Por que não seria seu?

Ken – Eduardo me levou ao veterinário há um ano falando de uma pequena intervenção benigna, e quando acordei, já não tinha testículos.

Aki – Esse bebê não nasceu por obra do Espírito Santo...

Kea – Talvez seja filho do Papai Noel.

Mika – A menos que seja de Eduardo.

Kea – Eu pensava que sapiens e neandertais não eram da mesma espécie e não podiam se cruzar...

Mika – Deve ser um milagre!

Novos choros do bebê.

Ken – Sinto que essa criança divina ainda não terminou de nos chatear.

Um momento em que continuam a comer enquanto assistem à televisão, como se estivessem fascinados.

Rac – Sobre o que estão falando na televisão?

Ken – Sobre o reaparecimento dos dinossauros.

Kea – A era do gelo acabou então.

Mika – Sim, cheira a mudança climática.

Aki – Acham que é o fim do mundo?

Kea – O fim da história?

Zora – De qualquer forma, é o fim desta pré-história.

Cena escura.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*

<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-024-7

Documento para download gratuito